

Se mais mundo houvera

Homilia por ocasião dos 50 anos das Obras das Migrações

Caros irmãos no Episcopado, Presbíteros, Diáconos e Seminaristas
Estimados Religiosos, Religiosas e membros de Vida Consagrada
Amigos peregrinos dos quatro cantos do mundo
Devotos de Nossa Senhora de Fátima
Irmãos e irmãs na fé em Cristo Jesus.

Na épica obra do humanista Luís de Camões, os Lusíadas, a certa altura lemos o seguinte no canto VII:

*Mas, entanto que cegos e sedentos
andais de vosso sangue, ó gente insana,
não faltarão **cristãos atrevimentos**
nesta pequena Casa Lusitana:
de África tem marítimos assentos;
é na Ásia mais que todas soberana;
na quarta parte nova os campos ara;
e, se mais Mundo houvera, lá chegara.*

Na comemoração dos 50 anos das Obras das Migrações, que integram a 40.^a Semana Nacional das Migrações, há uma pergunta que a todos nos invade, partindo deste excerto: *até onde poderá ser anunciado o evangelho de Jesus Cristo?*

1. O evangelho de hoje apresenta-nos uma das responsáveis por tudo isto: Maria. Tudo começa quando Deus decide entrar na vida humana, no tecido normal dos acontecimentos, num lugar exacto e num tempo determinado. Porém, não começa pela sinagoga situada no centro da cidade, mas precisamente por uma casa na periferia, situada na simples aldeia de Nazaré.

A **casa da periferia** é assim o primeiro lugar de proximidade do humano com o próprio Deus; o lugar de contacto entre a transcendência e a imanência; e o lugar de convívio entre o Criador e a criatura.

É nesta casa que se encontra uma mulher jovem, solteira, pobre e sem licenciatura, aquilo a que o filósofo Martin Heidegger chama: “o esplendor do simples!” Por incrível que pareça, é a ela a quem Deus pede a missão mais difícil da história humana: a licença para habitar nela o futuro Salvador do Mundo.

Aliás, a profecia de Zacarias na primeira leitura comprova que a vinda do Messias não é algo casual ou coincidente, mas uma vinda desejada e planeada por Deus. Ele amou desde sempre o ser humano e a todos oferece um caminho de felicidade.

2. Partindo deste testemunho de Maria, o tema anual do Santuário de Fátima pergunta-nos: “Também vos quereis oferecer a Deus?”

“Se Deus não nos tivesse amado, nós não existiríamos: permaneceríamos no nada. É, pois, um dever de gratidão, de reconhecimento, de justiça e de direito amar a Deus sobre todas as coisas, retribuir amor com amor, ou como costuma dizer o nosso povo: Amor com amor se paga!”¹

¹ *Apelos da Mensagem de Fátima*, 67-68.

Mas, caros irmãos, o amor de Deus tem uma dupla vertente verbal: primeiro, ama-lo como sendo o essencial da nossa vida; segundo, traduzir esse amor nos outros. O Papa Bento XVI afirma com toda a sua capacidade de síntese: “o amor de Deus revela-se na responsabilidade pelo outro.”²

Se ontem terminaram os Jogos Olímpicos na cidade de Londres, esta coincidência leva-me a perguntar: porque não percorrer agora a **maratona do amor** pelas estradas da textura humana? É esta a melhor oferta que podemos apresentar a Deus, aqui neste lugar sagrado!

A **maratona deste amor** levará à derrota qualquer tipo de idolatria, superstição, secularismo, ateísmo ou indiferença religiosa. A **maratona deste amor** levará à derrota qualquer tipo de capitalismo desgovernado, justiça negociada, saúde economizada, educação parcial, democracia camuflada ou infiltração de princípios que disfarçadamente pretendem destruir a nossa verdadeira identidade. E a **maratona deste amor** levará à derrota qualquer tipo de aborto, violência doméstica, rede de tráfico humano, segregação familiar ou cultura da morte.

Tudo isto porque, como escrevia Luís de Camões, “não faltarão atrevimentos cristãos, nesta pequena Casa Lusitana”! Por isso, caros cristãos, é este o pedido que a Palavra de Deus nos interpela: sede cristãos com atrevimentos! Ou seja, atrevidos nos vossos objectivos, desejos, caminhos, perdões, estudos, sorrisos, gestos, silêncios e palavras, e dum modo especial no testemunho de anunciar pelo mundo o evangelho de Jesus.

² Bento XVI, Spe Salvi, 28.

3. Na sua mensagem para o Dia Mundial do Migrante e Refugiado, o Santo Padre recorda que “o fenómeno migratório também é um desafio para o anúncio do Evangelho no mundo contemporâneo”³, que teima em cancelar Deus do horizonte do Homem.

A migração coloca o Homem perante um contexto pluralista e tentador, onde o cristão é chamado a pautar a sua diferença. No meio dessas diferenças, emerge uma chance para se propor a diferença cristã.

Perante esta configuração da realidade migratória do mundo hodierno, repito, não podemos esquecer que todos percorremos a mesma maratona: a *maratona do amor*. Por isso, às **comunidades católicas** compete-lhes a oração e solidariedade pelos que chegam ao nosso país; às **comunidades portuguesas no estrangeiro** compete-lhes acolher os nossos emigrantes, sendo um autêntico ponto de referência social, espiritual e humano; e aos **emigrantes** compete-lhes transportar na bagagem a fé que receberam, contaminando os outros pelo amor de Deus. De um modo especial, a Europa não pode sofrer de Alzheimer e esquecer a sua origem cristã!

O próximo Ano da Fé, promulgado pelo Santo Padre, apresenta-se assim como uma oportunidade para “descobrir novamente os conteúdos da fé professada, celebrada, vivida e rezada, e reflectir sobre o próprio ato com que se crê”.⁴

Deste modo, caros migrantes aqui presentes: reconhecemos as vossas *saudades familiares, injustiças profissionais, discriminações sociais e sacrifícios anti-humanos* a que sois tantas vezes submetidos, por causa de uma crise económica mundial de que não fostes os responsáveis, mas que agora somos todos chamados a ultrapassar.

³ Bento XVI, *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2012*.

⁴ Bento XVI, *Porta Fidei*, 8.

Como vosso amigo vos peço então: ousai mostrar, não só a possibilidade dum mundo diferente, mas também a certeza de que isso só será possível quando Deus for algo de importante na vossa vida. É verdade que podemos provir de nacionalidades, culturas, tradições, raças ou ideologias diferentes, mas todos somos criaturas amadas por Deus e nisso reside a nossa identidade comum! E o mundo moderno, indiferente e agnóstico, precisa de O ver, não só nesta multidão congregada na casa da mãe, mas em todos os recantos da terra.

Os pastorinhos não temeram em dar uma resposta afirmativa ao “Também vós quereis oferecer-vos a Deus?”. Imitemos a sua coragem! Ofereçamos a nossa vida! E mostremos a alegria em testemunhar esta oferta!

4. Para terminar, na letra da música do “Adeus de Fátima”, que a todos nos arrepiam, a determinado momento o coro canta:

*De Vós me aparto, ó Virgem,
desta montanha santa,
Que o coração nos prende,
que a nossa alma encanta.*

Em breve regressais às vossas casas. Ofereci a Deus a caridade que vos é exigida no rosto do outro, sendo fiéis ao vosso compromisso baptismal nos diversos desafios colocados à fé cristã. E fazei com que a maratona do amor não pare, porque “*se mais Mundo houver, ela tem de lá chegar.*”

Com Maria, não caminhamos sozinhos! Ela, a estrela da nova evangelização, vai tornar-nos anunciadores dum mundo novo!

+ Jorge Ortiga, A. P.

13 de Agosto de 2012, Santuário de Fátima.